



APIFVET

Associação Portuguesa da Indústria
Farmacêutica de **Medicamentos Veterinários**

BOLETIM INFORMATIVO:
Covid-19 e o setor da saúde animal



Lagoas Parque, Edifício 7 – 1º Piso Sul
2740-244 Porto Salvo



board@apifvet.pt

EDITORIAL



A PANDEMIA COVID-19 *por Jorge Moreira da Silva, Presidente da APIFVET*

Perante uma crise sanitária mundial sem precedentes há mais de cem anos, e cujos contornos e amplitude não são ainda totalmente conhecidos, os Governos dos diferentes países reagiram de maneira diversa, mas a maioria da forma mais prudente, decretando o Estado de Emergência e confinando as pessoas aos seus domicílios, tendo assim ficado paralisada praticamente toda a atividade económica, exceto alguns setores em Portugal e noutros países, classificados como atividades essenciais, nomeadamente o agro-alimentar e os medicamentos (humanos e veterinários).

Era claro desde o início desta crise que o setor do medicamento veterinário é essencial para a manutenção do "livestock" indispensável a uma cadeia alimentar com uma produção e logística essenciais para minimizar a vulnerabilidade do tecido social, basicamente de quarentena em casa, e adquirindo apenas bens de natureza alimentar.

Os Associados da APIFVET, durante este período, foram um pilar muito importante para a minimização dos impactos desta pandemia e a sua atividade foi reconhecida como "essencial" em legislação publicada para diferenciar os setores de atividade que se deveriam manter operacionais.

O setor do medicamento veterinário sempre cumpriu e está a cumprir com essa obrigação, que neste contexto, independentemente da atividade comercial, tem um cariz social pela relevância que desempenha nesta crise sanitária.

Por outro lado, esta crise foi uma oportunidade para "fazer diferente", implementando procedimentos de logística e de comunicação interna e externa que em alguns casos poderão ser mantidos no futuro.

Neste contexto de enorme crise, a APIFVET manteve e reforçou os princípios que fundamentam a sua criação:

Transparência: Tal como sempre, mas nomeadamente atendendo às circunstâncias de exceção que vivemos, a APIFVET manteve sempre os Associados informados das decisões mais relevantes tomadas pelos decisores políticos e regulamentares, nomeadamente DGAV, bem como pelas Instituições Europeias, através de informação recebida através da *AnimalHealthEurope*.

Cooperação: Durante todo este período de crise pandémica tem sido muito positiva a cooperação com a Tutela – DGAV – que numa partilha mútua de informação, ajudou bastante a manter informados os nossos Associados sobre os temas mais relevantes.

Confiança: É nestas situações de crise que se testa a confiança que os Associados têm na sua Associação. Recebemos vários incentivos e felicitações de Associados pelo trabalho desenvolvido neste período crítico em defesa do setor.

Proteção: Consideramos que no âmbito das nossas capacidades estamos a desenvolver neste período de verdadeira calamidade pública um trabalho associativo que está a defender de forma adequada os interesses do setor do medicamento veterinário, enquadrando tais interesses nas necessidades da população em geral, defendendo o princípio de "uma só saúde", que evidencia que saúde humana e saúde animal estão intimamente ligados.

Feito este balanço, com base nos valores que norteiam a atividade da APIFVET, consideramos que existem situações que podem ser melhoradas, pois esta pandemia não terminou e o risco de segundas vagas é previsto por muitos especialistas.

Expressamos votos que seja aproveitada esta "janela de oportunidade" para serem criadas estruturas de contato entre as Entidades representativas da indústria farmacêutica (MUH e MV), OMV, OM, Associações de Distribuidores e Organismos representativos dos Produtores que permitam a defesa de interesses comuns, no âmbito do princípio básico de que a saúde humana está intimamente ligada à saúde animal, pois só considerando este princípio estaremos melhor preparados para combater esta Pandemia que, estamos certos, ainda não terminou.

A APIFVET tem igualmente preocupações com a crise social resultante desta Pandemia. Nesse sentido fez uma Parceria com a FPAS – Federação Portuguesa das Associações de Suicultores – e doou ao Banco Alimentar contra a Fome 3,6 toneladas de carne de porco que estão a ser distribuídas pelas populações mais carenciadas que recorrem ao apoio desta Instituição.



POSIÇÃO INTERNACIONAL DO SETOR DA SAÚDE ANIMAL NA LUTA CONTRA A COVID-19

Na qualidade de Associados da *AnimalHealthEurope* temos acompanhado o trabalho desenvolvido por todo o setor zoonitário internacional na luta contra a COVID-19, numa estreita cooperação dos diferentes organismos internacionais com os Governos dos diversos países.

A APIFVET tem participado em conferências telefónicas, realizadas todas as semanas, com os *Committee's Members da AnimalHealthEurope*, participando nos vários "surveys" realizados para conhecer as medidas implementadas nos vários países da UE e que, de alguma forma, têm servido como meio de pressão junto de países cuja regulamentação possa ainda estar desajustada à gravidade da situação pandémica.

No caso português todas as medidas consensualmente adotadas na UE foram atempadamente adotadas pela Tutela.

Em toda a Europa, e graças a esforços muito atempados da AHE, foi assumido pelas autoridades sanitárias aos mais diversos níveis de responsabilidade que a saúde animal é estratégica nestes momentos de crise sanitária de enorme gravidade, não só para prevenir e tratar as doenças nos animais como evitar a possibilidade de transmissão ao ser humano. O abastecimento de alimentos seguros e de qualidade é outra razão fundamental para a importância estratégica deste setor.

Nesse sentido, a Autoridade Europeia de Segurança Alimentar – EFSA – publicou informação, tranquilizando os consumidores para o fato de não existir evidência que o SARS-CoV-2 se transmita através dos alimentos. A OIE – *World Organization for Animal Health* – emitiu igualmente um "Statement" referindo não haver evidência que os animais de companhia possam ser transmissores do vírus.

As organizações internacionais representativas do setor da saúde animal, *AnimalHealthEurope* e *HealforAnimals*, têm desenvolvido um trabalho extraordinário de

acompanhamento da informação científica que se foi produzindo sobre a COVID-19 e a sua eventual repercussão na medicina veterinária. Nesse contexto, o apoio das Empresas multinacionais do setor, membros destas Associações, mas com sólidas estruturas científicas e de investigação, têm sido um pilar essencial no apoio técnico às Organizações acima referidas representativas do setor.

AHE e HfA têm trabalhado em estreita cooperação com todos os organismos europeus, desde a EMA à própria CE, para que sejam detetados e regularizados com a maior brevidade eventuais estrangulamentos no fabrico e distribuição de medicamentos veterinários.

Tais situações a existirem em determinado país, e caso não tenham imediata solução a nível local, são de imediato comunicadas pela respetiva Associação Nacional junto da AHE para que, se possível, as Instituições Europeias com competência para o fazer possam atuar junto do Governo local.

Em síntese, o setor da saúde animal, através das suas estruturas representativas a nível internacional, tem desenvolvido, desde a primeira hora em que esta pandemia foi declarada, um trabalho notável em defesa do setor e tem mostrado uma elevada transparência nas decisões tomadas, envolvendo não só as Empresas Associadas, naturalmente com estruturas e capacidade de apoio bastante sólidas, mas também todas as Associações Nacionais, independentemente da sua dimensão.



A saúde animal é estratégica nestes momentos de crise sanitária de enorme gravidade, não só para prevenir e tratar as doenças nos animais como evitar a possibilidade de transmissão ao ser humano.





PARCERIA ENTRE APIFVET E FPAS GERA INICIATIVA PARA COMBATER CRISE SOCIAL

INICIATIVA PRETENDE APOIAR NÃO SÓ A POPULAÇÃO MAIS CARENCIADA, MAS TAMBÉM A PRODUÇÃO AGROALIMENTAR EM PORTUGAL, DURANTE O CONTEXTO DE PANDEMIA.

A Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica de Medicamentos Veterinários (APIFVET) e a Federação Portuguesa de Associações de Suinicultores (FPAS) uniram esforços e vão entregar cerca de 3,6 toneladas de carne de porco ao Banco Alimentar Contra a Fome, numa iniciativa que pretende não só apoiar a população mais carenciada, mas também a produção agroalimentar em Portugal, que enfrentam agora maiores dificuldades devido ao contexto atual de pandemia por Covid-19.

Numa declaração conjunta, os Presidentes da APIFVET e da FPAS, Jorge Moreira da Silva e Vítor Menino respetivamente, afirmam que se trata *"de uma iniciativa, que neste momento de crise de saúde pública e crise social, coloca a indústria farmacêutica de medicamentos veterinários e a "fileira" do Porco em total sintonia no apoio aos mais carenciados, através da logística e da experiência do Banco Alimentar, e procura igualmente apoiar a produção agroalimentar nacional."*

A entrega, que já teve início, será feita de forma faseada, para assegurar todas as regras de segurança alimentar. A APIFVET e a FPAS, como entidades financiadoras do projeto, e o Banco Alimentar Contra a Fome, com a sua estrutura logística, dão assim o seu duplo contributo para apoiar as populações ainda mais carenciadas e desprotegidas face à pandemia atual.

Iniciativa, que neste momento de crise de saúde pública e crise social, coloca a indústria farmacêutica de medicamentos veterinários e a "fileira" do Porco em total sintonia no apoio aos mais carenciados.





COVID-19 E “UMA SÓ SAÚDE”



Nuno Canada
Médico Veterinário, PhD
Presidente do INIAV

O mundo está em mutação constante, movido por um conjunto de forças de mudança, umas mais evidentes, como as tendências e as mega-tendências, outras mais subtis, com sinais fracos, mas relevantes. Existem outras, consideradas de muito baixa probabilidade e que são, frequentemente, ignoradas. Forças de mudança de muito baixa probabilidade de ocorrência, mas de elevadíssimo impacto, podem, num curto espaço de tempo, provocar alterações de grande amplitude e extensão. Estamos, claramente, perante uma força de mudança desta natureza. Por outro lado, quando lemos estudos retrospectivos, efetuados sobre grandes catástrofes, podemos constatar que, de forma sistemática, os relatos de quem está a viver a catástrofe mostram que estas pessoas não têm o distanciamento suficiente, nem a informação necessária, para adquirirem a consciência plena do que estão a viver.

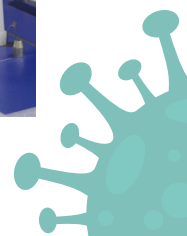
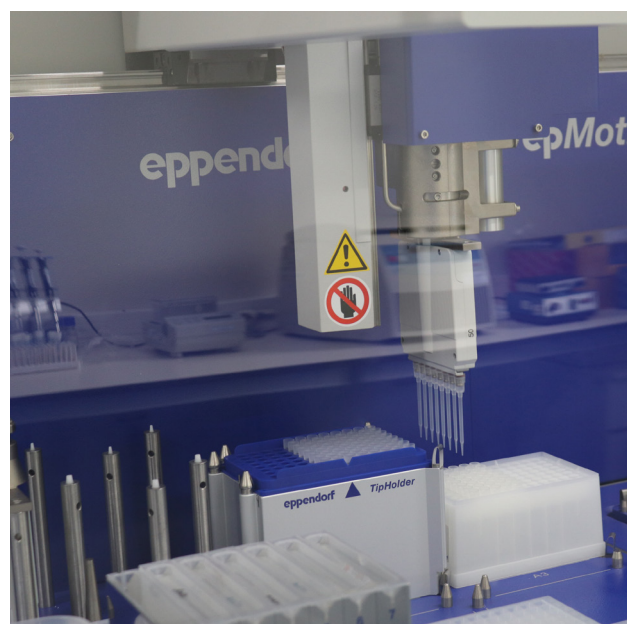
Tendo por base estas considerações, e o conhecimento que detemos em maio de 2020, considero que ninguém ainda tem a verdadeira consciência do impacto e da extensão da mudança que a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 vai causar nas nossas vidas. Ainda assim, há alguns aspetos que começam a tornar-se evidentes.

Desde logo, ficou muito claro que um desafio, desta complexidade e magnitude, apenas pode ser enfrentado com uma estreita cooperação entre organizações e, em termos operacionais, com a criação de equipas multidisciplinares.

No caso concreto da Medicina Veterinária, (esta pandemia veio tornar ainda mais evidente a necessidade de uma abordagem estruturada, nos estudos, diagnóstico, prevenção e controlo de doenças potencialmente zoonóticas, numa lógica de “Uma Só Saúde”.

No caso concreto da Medicina Veterinária, veio tornar ainda mais evidente a necessidade de uma abordagem estruturada, nos estudos, diagnóstico, prevenção e controlo de doenças potencialmente zoonóticas, numa lógica de “Uma Só Saúde”. A estruturação das organizações, bem como a capacitação das equipas neste sentido, é, hoje, fundamental. O INIAV tem vindo a organizar esta área da sua atividade nesta lógica. Exemplo claro desta abordagem foi a reorganização efetuada nos Laboratórios Nacionais de Referência de Saúde Animal, no sentido de criar uma unidade transversal de diagnóstico, com grande capacidade de resposta e muito diferenciada, capaz de efetuar diagnóstico da COVID 19 e ajudar o País a responder a esta pandemia. Esta unidade “Uma Só Saúde” está igualmente preparada para responder a necessidades de processamento de amostras em grande escala no âmbito das doenças dos animais, mas, igualmente, no domínio das doenças e pragas das plantas.

De facto, a globalização conduziu a uma elevada circulação mundial de pessoas, animais e plantas, o que, associado às alterações climáticas, veio criar condições para o aumento significativo de doenças emergentes e re-emergentes, incluindo as doenças zoonóticas. O estudo destas doenças, com a criação de estruturas diferenciadas, equipas altamente qualificadas e multidisciplinares, envolvendo as áreas da medicina veterinária, medicina humana, agronomia, biologia e engenharias, vai ser decisivo para a preparação de Portugal para os desafios dos próximos anos. Estes desafios incluem uma abordagem mais holística da saúde, numa lógica de agricultura e alimentação.





Outra dimensão que, neste momento, já percebemos, em relação à era pós-COVID 19, é que os aspetos relacionados com a alimentação e a cadeia agroalimentar vão adquirir uma nova centralidade. Nesta dimensão, a abordagem estruturada da produção, transformação e distribuição de alimentos, numa lógica de cadeia de valor, bem como um grande foco nos aspetos relacionados com a qualidade e segurança, e com a saúde, incluindo os princípios bioativos, a nutracêutica e áreas conexas, vai ser incontornável.

Além disso, ficou claro, nesta crise, que há a necessidade de aumentar o grau de autossuficiência dos países na produção de alimentos. **Portugal está fortemente dependente das importações, quer em alimentos para animais, quer em alimentos para humanos. O aumento da eficiência na produção desta alimentação, aliada a uma maior utilização dos recursos endógenos, será fundamental para o País.** Assim, a implementação de uma cultura de consumo preferencial de produtos nacionais conduzirá, naturalmente, a um aumento gradual do nosso nível de autossuficiência, tendo ainda grande impacto na sustentabilidade ambiental, pela diminuição da pegada ecológica, social, pela ocupação mais equilibrada do território, e económica, por estarmos a apoiar a produção nacional. Algo que também “alimentou”

a campanha “Alimente quem o alimenta”, recentemente lançada pelo Ministério da Agricultura e que pretende incentivar o consumo de produtos nacionais. Esta campanha foi ainda ponto de partida para o desenvolvimento de uma plataforma – www.alimentequemalimenta.pt -, a qual aproxima produtores e consumidores, agilizando o escoamento de tantos produtos que, para além da qualidade e da segurança, são parte da identidade do nosso País.

A investigação, a inovação, a capacidade de maior incorporação de conhecimento e tecnologia nas várias fileiras e pelos vários agentes do território vão ser decisivas para o desempenho do setor agroalimentar nas próximas décadas.

A definição clara de prioridades, bem como o alinhamento da capacidade instalada, e a instalar, e dos recursos para o financiamento da investigação e da inovação, com estas prioridades, vão ser fatores críticos de sucesso neste caminho que temos de percorrer. Um caminho que também inspira a “Agenda de Inovação para a Agricultura 2030”, a qual, após um participado processo de construção, será, em breve, divulgada pelo Ministério da Agricultura e aplicada a um setor que, sem esquecer a sua história, mantém o foco no futuro e, acima de tudo, nas pessoas.

“ Ficou claro, nesta crise, que há a necessidade de aumentar o grau de autossuficiência dos países na produção de alimentos. ”

